

UM ENSAIO EVANGÉLICO SOBRE A TENTAÇÃO DE JESUS: A PRIMEIRA TENTAÇÃO

Fábio de Sousa Neto³⁴
Mendes Jaime Gimo³⁵

“Por que se ofereceu ele para ser tentado? Para que fosse mediador na superação das tentações, não só pelo auxílio, mas também com Seu exemplo”

(Santo Agostinho)

Não deixa de ser curioso que, nas duas grandes tentações bíblicas, a do jardim e a do deserto, a comida estivesse presente. No primeiro caso, oferecida a quem já estava satisfeito e no segundo a um faminto; no primeiro, a comida faria a humanidade se desencarnar de alguma forma, se tornando divina, e na segunda a divindade participaria da carne.

A narrativa da tentação de Nosso Senhor é descrita nos três evangelhos sinóticos e em cada uma delas encontramos particularidades que indicam a personalidade dos evangelistas, o público-alvo primário e, sobretudo, a soberania de Deus que os inspirou em cada palavra colocada em seus textos. A narrativa de Marcos é mais curta, apenas dois versículos narram esse acontecimento, e nem por isso deixa de ser interessante.

Aliás, Marcos usa uma palavra forte para descrever a ação do Espírito Santo de conduzir o Nosso Senhor, àquele lugar de batalha, “imediatamente o Espírito o impeliu para o deserto” (Mc 1.12); o verbo impelir usado por Marcos indica um ato de força, com quase a mesma conotação de expulsar, assim como Cristo fizera mais tarde com o diabo, e esse ato, nas palavras de João Crisóstomo, indicam tanto a vontade divina, quanto uma advertência de não nos lançarmos à tentação por nós mesmos (1Ts 5:22). Doravante, o fato de o Nosso Senhor ter sido conduzido ao deserto, também indica a sua disposição em fazer cumprida a

³⁴ Mestre em História (PUC/GO), pós-graduado em Teologia Sistemática, graduado em História (PUC/GO). Professor e coordenador da Pós-graduação da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB).

³⁵ Bacharel em Teologia pela FASSEB.

vontade do Pai, o que nos faz concluir que, enquanto o diabo, nosso adversário, procura homens para tentá-los, com o Nosso Senhor foi diferente; Ele foi ao seu encontro, para ser tentado e vencer o diabo no deserto.

No relato de Lucas, há uma inversão na ordem das tentações em relação a Mateus, precisamente, a segunda tentação em Mateus aparece como a terceira em Lucas, e terceira em Mateus como a segunda em Lucas; há também uma indicação de um ato contínuo de tentação durante os 40 dias, não apenas ao final desse período; o que seria um indicativo de uma luta constante que, culminou com as três grandes tentações; e justamente em Lucas se diz que, “tendo concluído todo o tipo de tentação, o Diabo afastou-se dele [...]” (Lc 4.13), a ideia subjacente na frase é que, nas três tentações estavam contidas a completude da matéria do pecado, que segundo Ambrósio de Milão seriam o prazer da carne, a esperança da glória e a avidez pelo poder (1Jo 2.16-17).

Esse terminar de toda a tentação é igualmente percebido por Dostoiévski que, em seu romance “Os Irmãos Karamazov”, conclui pela boca do grande Inquisidor que, se juntassem todas as grandes mentes do mundo, os cientistas, os poetas, os políticos e outros, e se lhes pedissem que formulassem três perguntas cujas respostas sintetizassem todo o drama humano, não chegariam à “três tentações”.

Portanto, essas três tentações escondem os anseios da humanidade que clama avidamente por “pão, paz e terra”. Outros personagens, tanto a candidata a *miss* quanto o sanguinário terrorista desejam a mesma coisa; um na força do pensamento positivo, afinal “a beleza salvará o mundo”, e o outro pelo terror, que na verdade é um zelo, porém sem entendimento, que o faz acreditar que o mundo será melhor se formos todos islamizados, ainda que pela força. Ambos entendem que a humanidade alcançará a prosperidade, se seus ideais forem seguidos por todos.

Na Roma antiga, os imperadores distribuíam pão de forma gratuita para o povo, os regimes totalitários do século XX também buscavam a concretização desses anseios, e nós mesmos também desejamos que um dia ninguém mais morra de fome, que vivamos em paz e que todos possuam um pedaço de terra.

Aliás, esse era o grande desejo dos antigos Israelitas sob a promessa de uma “terra que mana leite e mel” (Ex 3:17) e dos pais peregrinos, colonizadores da região norte das Américas que aspiravam por paz, a fuga das guerras religiosas da Europa

Por que Cristo rejeitou as três propostas que resolveriam os dramas da humanidade? Por que não transformar as pedras em pães e saciar a fome de todos? Por que não promover a paz e segurança para todos? O diabo até lhe prometeu a glória dos impérios, se ao menos Ele o adorasse. Isso não evitaria muitas guerras e essa busca desenfreada por poder? O que havia de errado nas tentações? A sutileza da tentação é mais bem percebida no ataque ao corpo místico de Cristo nessa terra. Segundo Yancey, ao rejeitar a tentação, Jesus perdeu três grandes poderes à sua disposição, o do milagre, o do mistério e a da autoridade. Tentada a reverter “o erro” de seu Mestre, em muitos momentos, a igreja se viu buscando o poder temporal ou se associando a ele para obrigar as pessoas à fé.

Mesmo após as perseguições que vitimaram a Cristo, a maioria dos apóstolos e muitos mártires cristãos, grupos que reclamavam ser a legítima igreja, quando puderam, emprestaram seus prestígios e devoções aos reinos deste mundo, perseguindo dissidentes, cristãos ou pagãos. A igreja romana medieval, no auge de seu poder promoveu não só a inquisição, como também as cruzadas.

Enquanto isso, do lado protestante, o famigerado consistório de Genebra, não só fiscalizava os faltantes aos cultos como punia os contrários. Exemplos como os citados denunciam a perspicácia da tentação, e a necessidade sempre constante de vigilância e sujeição que devemos ter diante de Deus (Tg 4.7). O conjunto das tentações também nos afeta individualmente, testando a pureza de nossas motivações e ações em Deus, por isso, refletir sobre elas é igualmente sondar nossos corações e pensamentos.

A Lógica Diabólica

“Se tu és o filho de Deus”, é usado como condicional em duas das três tentações de Cristo. O uso da condicional indica, para muitos intérpretes bíblicos, que o diabo não soubesse quem Jesus realmente era. Segundo Hadjadj, esses

intérpretes recorrem ao texto de 1Coríntios (2.7-8), onde o apóstolo Paulo afirma que “se a tivessem entendido, não teriam crucificado o Senhor da glória”. Lutero, segundo Yancey, também partilhava dessa perspectiva, uma vez que para o reformador, Cristo se portara de modo tão humilde e evitando chamar a atenção para si, que só após a ressurreição o diabo realmente soube quem Jesus era.

Mesmo entendendo que, a perspectiva defendida por esse conjunto de brilhantes teólogos possua seus méritos, penso que o uso da condicional possa apontar para as dúvidas que todos nós enfrentamos em algum momento de nossa jornada. Devemos nos lembrar de que a filiação de Cristo tinha sido a última coisa que ele ouvira do Pai após o batismo. “Este é meu Filho amado, em quem muito me agrado” (Mt 3.17), foi a voz do Pai ouvida, após os céus se abrirem e o Espírito Santo descer sob a forma corpórea de uma pomba. Como Aquele Pai amoroso que declarara seu amor de maneira tão efusiva, poderia não permitir aqueles “milagrezinhos” em benefício de seu Filho? Que pai amoroso ficaria zangado com aquelas transgressões? Não tinha sido o mesmo Deus que permitira Davi comer dos pães que a ele não era lícito comer? Todo esse conjunto de indagações, julgo estarem contidas na condicional diabólica.

É assim que a lógica diabólica funciona, “se tu és filho”, logo não passarás pelas privações que a humanidade tem enfrentado; terás e comerás o melhor dessa terra. Talvez seja, por isso, que os amigos de Jó estivessem tão certos de que ele estivesse em pecado, como poderia um filho amado passar pelas privações de saúde, nas finanças e a na família? Não fora essa também a dúvida dos discípulos em relação ao cego de nascença? Como poderia Deus permitir que um inocente bebê nascesse cego? Essa lógica advoga um amor que exclui o sofrimento, que por consequência anula a liberdade tão cara a todos.

E como Lucas observa “o Diabo afastou-se dele até o tempo oportuno” (Lc 4.13), indicando que o inimigo voltaria a se opor a Cristo, aliás, essa condicional voltou a ser usada na voz de um amigo, como sugestão de que o Deus gracioso não permitiria passar pelo sofrimento de cruz, ao que Cristo repreendeu com autoridade “para trás de mim, Satanás! Tu és uma pedra de tropeço, uma cilada para mim [...]” (Mt 16.13-23). E como ato derradeiro contra o nosso Senhor, o diabo usou uma multidão, que parecia demonstrar interesse em acreditar nele,

“Se és Filho de Deus, [...] desça agora da cruz, e creremos nele” (Mt 27.40-43), ela sugeria. Essa condicional ainda nos alicia e nos desafia a todos, tanto individualmente como coletivamente, e rejeitar essa lógica pressupõe conhecer a vontade de Deus, o significado da liberdade a nós concedida, bem como o propósito último da vida.

A tentação

Em nossa leitura somos conduzidos a concluir, pelo resultado já conhecido por meio do relato bíblico que, as tentações não tenham sido reais para Cristo assim como são para cada um de nós. Esse olhar é motivado tanto pela narrativa bíblica que aponta para uma vitória de Cristo, predita pelos profetas, como pela fé em sua divindade, que não tinha sido perdida na encarnação, ainda que em esvaziamento. Entretanto, esse ponto de vista pode esconder uma grave heresia, o docetismo, que fora rechaçada pelos apóstolos por rejeitar a realidade da humanidade de Cristo (1Jo 1-3; 2Jo 1.7), e por conseguinte os seus sofrimentos.

Por isso, creio que as tentações tenham sido reais ainda que não houvesse o risco de Cristo cair em pecado, pois o fato de Deus conhecer o resultado de antemão, não pressupõe que seus sentimentos sejam menos reais. Aliás, Ele não finge surpresa e por nada é surpreendido, e ainda assim todos os seus sentimentos são reais. Deus escolheu sentir as emoções e, às vezes, se deixar influenciar pelas emoções humanas e, quando Ele se fez homem, se fez de maneira plena, de modo que, como diz o escritor da homília Hebreus, “Ele mesmo sofreu quando tentado [...], porém sem pecado algum” (Hb 2.18 e 4.15).

Interroga-se também, se os próprios sentimentos humanos não sejam derivados de sua condição especial de feitos à imagem de Deus, ou seja, os sentimentos humanos originalmente seriam herança do criador. A conhecida doutrina da impassibilidade deriva justamente da ideia grega de um Deus imóvel, além da concepção racionalista de que as emoções tornam o sujeito fragilizado, inferior aqueles que são guiados pela razão fria e calculista. Na esteira dessa concepção, as emoções são assumidas como algo inferior, capazes de alterar o equilíbrio e provocar inconstâncias.

A consequência dessa abordagem em relação ao Ser de Deus é a suspeita de que um Deus possuidor de sentimentos é um Deus que muda, altera sua natureza, seu próprio Ser, esbarrando na contemporaneidade com a reconhecida teologia do processo. As muitas metáforas bíblicas, as ditas “antropopatias” atribuídas a Deus são imagens nítidas sobre um Deus que possui sentimentos, aliás, uma afirmação de sua pessoalidade, afinal, somente um ser pessoal, pode manifestar sentimentos.

Dito isso, possivelmente satanás quisesse testar a si próprio, no sentido de conhecer melhor o seu adversário, ou talvez testar a Cristo, uma vez que Ele se esvaziara de sua glória se tornando homem (Fp 2.5-8), portanto vulnerável; então, ele estaria tentando a Deus em sua humilhação e autocontenção. Ou ainda pode-se pensar que, o diabo já sabendo de seu destino final, quisesse se aproveitar ao máximo do pouco tempo que lhe resta, para humilhar ao máximo o Nosso Senhor.

Entretanto, penso que outra perspectiva, diferente das citadas, mas não excludente, capte melhor as nuances da tentação. A tentação de Cristo imitava, em certo sentido, a tentação no jardim, ambas possuíam proporções cósmicas, toda a humanidade era tentada em seus representantes, Adão como primeiro de toda a humanidade e Cristo como o segundo Adão, sendo que no primeiro caso caímos e no segundo, a despeito de um mundo em desordem, vencemos em Cristo.

O desejo de ter coisas como medida de quem somos, de sermos aclamados acriticamente ainda nos serão como laços pronto a nos prender, contudo, temos na vida do Filho de Deus o maior de todos os exemplos, de que se tivermos Deus como Pastor, nada nos faltará. A tentação também serve aos propósitos diabólicos, ao permitir que as criaturas continuem acusando o criador por todos os males que lhes ocorrem, e talvez, por isso, que o maior argumento ateu seja o da teodiceia.

Primeira tentação: a alegria de um animal saciado ou algo mais?

“O tentador aproximou-se então dele e disse: “Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães”. Jesus, porém, afirmou-

Ihe: “Está escrito: ‘Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus’”.(Mt 4.3-4).

No livro *Cultura Geral* de Schwanitz, uma curiosidade salta aos olhos, segundo o autor, dois livros foram importantes na formação da Europa, a *Odisseia* de Homero e a *Bíblia judaica*, o primeiro foi escrito por alguém que não podia ver, enquanto o segundo por um Deus que não se pode ver. Essa dupla impossibilidade da visão ressalta o valor da imaginação na construção do pensamento ocidental. Nessa imaginação, o ser humano era fruto do ato criador de Deus ou dos deuses, as formas pelas quais ele havia sido criado variavam segundo cada povo, entretanto cada história revelava um propósito que ultrapassava a criatura.

Com o advento da razão e da cientificidade como medida de todas as coisas, o homem passou a ser visto como um resultado aleatório da evolução, desse modo o homem não viera da divindade e sim de seu ancestral primata. Essa constatação que propunha a maior valorização do homem mostrou-se ser a sua maior armadilha, pois que, se por um lado a ancestralidade animal coloca o homem como os demais animais fazendo com que o corpo perdesse a sua mística, por outro, se perdia a ideia do propósito que transcendia ao próprio corpo, se tornando a satisfação dele num fim em si mesmo. E por consequência disso, observa Chesterton, que ser-se apenas secular seria uma restrição e uma servidão e, o não poder ajoelhar-se ou não poder se dirigir a Deus em oração como estar em grilhões e amordaçado.

Na resposta que Cristo dá, na tentação do deserto, há uma reafirmação da mística do corpo em sua completude e, ela mostrar-se na frase o homem vive de “toda palavra de Deus”, revelando a procedência divina do corpo, bem como um propósito que transcende ao próprio homem. Cristo também reafirma a materialidade do corpo no começo de sua resposta “nem só de pão vive o homem”, e foi a essa materialidade que Deus se sujeitou ao encarnar-se. O mesmo padrão de resposta se verificou mais tarde em seu ministério. Quando Ele viu uma multidão faminta, movido de compaixão por ela, decidiu fazer um milagre maior que o transformar pedras em pães, Ele multiplicou cinco pães e dois peixinhos para alimentar uma multidão que passava de milhares.

Esse milagre lembrava a materialidade do homem que precisa de pão, no entanto, quando a multidão passou a buscá-lo apenas pelo pão, Ele rejeitou rebaixar a humanidade e reafirmou a vontade de Deus para ela, que a humanidade vivesse de “toda palavra que procede da boca de Deus”. Portanto, aceitar a tentação equivaleria a buscar a alegria de um animal saciado, cujo horizonte se limita a satisfação de seus instintos carnis.

Segundo Hadjadj o transformar as pedras em pães também esconde o humanismo que é a perversão do amor ao pobre, e segundo penso, também consiste na satisfação dos prazeres carnis distantes de Deus. Essa dupla face do humanismo esconde o verdadeiro diabo das tentações, por um lado parece manifestar uma preocupação com o humano, mesmo que seja apenas no aspecto físico, por outro incentiva a realização irrestrita dos prazeres da carne. Nisso, nos parecemos um tanto quanto esquizofrênicos e hipócritas, pois que, desejamos enquanto humanidade, que Deus interfira autoritariamente para alimentar o mundo, mas almejamos liberdade para vivermos distantes de sua vontade manifestada em sua palavra. Ou seja, desejamos o milagre sem nos comprometer com o Deus que realiza o milagre.

A tentação de salvar o mundo, ou simplesmente o complexo de Salvador, pode fazer a igreja se perder em sua missão e, se transformar em agência de assistencialismo que apenas se preocupa com o pão. É bem verdade que somos chamados a acudir o necessitado em suas privações, afinal essa é a religião verdadeira e que as boas obras provam o valor de nossa fé, contudo, dar o pão ignorando a razão, a liberdade e o transcendente é rebaixar o homem e a missão da igreja. Esse amor que ignora a alma, a liberdade e a razão do pobre também é em si um ato autoritário, no entanto, não menos autoritário que aquela perspectiva que advoga o possuir os bens como fim em si. Segundo Lewis, pessoas que estão passando fome podem pensar muito em comida, assim como os glutões o fazem.

Logo, pensar apenas no pão para o faminto, é reduzir o alcance da tentação, pois o desejo desenfreado pelo material pode igualmente nos escravizar a ponto de fazer-nos ignorantes em relação aos tesouros celestes, guardados em Deus, a fim de nos contentarmos apenas com os terrestres, afinal onde está o nosso tesouro também estará o nosso coração; por isso, a advertência que nos

exorta enquanto suas criaturas: “louco! esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Pois, que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?”

A tentação também chama a atenção para os caminhos fáceis que buscamos para a satisfação pessoal, aqui não se fala de meios que facilitam nossas vidas, mas de burlar os caminhos de Deus para nossa própria satisfação. Jesus rejeitou esse caminho fácil preferindo a Cruz, não pelo simples prazer de buscar o difícil, mas por não querer interferir na liberdade que ele dera ao homem; Ele preferiu nos atrair pela cruz ao invés do palanque, pelo amor e não pela tirania.

Temo que cometamos um erro hermenêutico ao lidar com a resposta de Cristo; o erro a que me refiro é o de colocar pão para o corpo na mesma proporção que a palavra de Deus. A resposta de Cristo rejeita fortemente essa interpretação, ela diz que o homem vive de toda a palavra e não apenas de pão, ou seja, o pão também está sujeito à palavra de Deus. Só comemos o pão que alimenta o corpo porque a palavra do Senhor assim o determinou.

O homem vive de toda palavra de Deus, pois que por ela, a nossa carne também se alimenta. Algumas pessoas não entendem isso nos cristãos, no julgamento delas, os cristãos dão graças pelas coisas que eles mesmos batalham para as terem, e que conseguem pelo suor de seu trabalho; nós, os cristãos, procedemos desse modo por entender que vivemos da palavra de Deus e por ela, temos condições de trabalhar e conseguir algumas coisas, logo nossa satisfação não se prende nas coisas, ainda que importantes, mas n’Aquele que as possibilita, pois a vida do homem não consiste na abundância de bens que ele pode juntar, mas no verdadeiro temor a Deus. E nessa perspectiva laboral, a resposta de Cristo nos lembra de que não devemos ser consumidos por nossos desejos, mas que eles devem ser satisfeitos na vontade de Deus.